

FIGURAS FEMININAS NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES

Ana Maria Domingues de Oliveira (Unesp – Assis)

Como parte do projeto "Releituras de Cecília Meireles" que venho desenvolvendo, proponho mais uma releitura da obra poética de Cecília Meireles, sobretudo no que se refere aos livros *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945) e *Retrato natural* (1949), em busca de poemas que tenham como tema figuras femininas. O estudo de tais poemas tem como objetivo observar que, ao contrário do que afirma a crítica mais tradicional acerca da autora, é muito freqüente encontrar em sua obra representações do feminino.

Este estudo se justifica porque, reafirmo, a leitura que, grosso modo, se tem feito da obra de Cecília Meireles está já condicionada a encontrar, em seus textos, um modelo de feminino que se considera inerente à obra da poetisa, ou seja, etéreo, espiritual, alienado, assexuado, incorpóreo. Mas até que ponto se pode afirmar que essa correspondência é de fato inerente à obra de Cecília? Até que ponto não seria esta correspondência o produto de uma leitura de cartas marcadas, que buscaria, nos textos cecilianos, evidências que comprovassem uma hipótese, já de antemão estabelecida, a propósito de supostas características da escrita feminina? Acredito que, para muitos críticos, a poesia de Cecília corresponderia à expectativa daquilo que socialmente se considera e espera que seja a escrita feminina. Nossos olhos de leitores (e leitoras) estariam, assim, sempre prontos a localizar, nos poemas e crônicas, os confortáveis reforços à nossa crença de que a literatura escrita por mulheres deve ser nobre, pudica, etérea, infável (para usar termos caros à fortuna crítica cecilianiana).

Minha proposta, mais uma vez, é a de tentar reler a obra de Cecília com o desconforto e os olhos de quem procura as evidências contrárias a crenças tão firmemente estabelecidas pela crítica. Não pretendo, é claro, provar que a obra de Cecília é o contrário daquilo que a crítica afirma, mas sim evidenciar aspectos menos conhecidos porque menos observados em seus textos. Aqui, portanto, debruço-me sobre quatro obras decisivas para a configuração da obra poética da autora. Os quatro livros de que me ocupo aqui constituem, a meu ver, o marco da maturidade poética de Cecília. Foi com eles, aliás, que a poetisa escolheu abrir a edição Aguilar de sua *Obra poética*, em 1958, excluindo do volume os primeiros livros de sua juventude.

Percorro as quatro obras em busca de poemas que tenham como tema figuras femininas. Dos muitos que, para surpresa de alguns, encontro, tomo 5 para discussão neste trabalho. Começando por *Viagem*, escolho o "Terra":

Deusa dos olhos volúveis
pousada na mão das ondas:
em teu colo de penumbras,
abri meus olhos atônitos.
Surgi do meio dos túmulos,
para aprender o meu nome.

Mamei teus peitos de pedra
constelados de prenúncios.
Enredei-me por florestas,
entre cânticos e musgos.

Soltei meus olhos no elétrico
mar azul, cheio de músicas.

Desci na sombra das ruas,
como pelas tuas veias:
meu passo — a noite nos muros —
casas fechadas — palmeiras —
cheiro de chácaras úmidas —
sono da existência efêmera.

O vento das praias largas
mergulhou no teu perfume
a cinza das minhas mágoas.
E tudo caíu de súbito,
junto com o corpo dos naufragos,
para os invisíveis mundos.

Vi tantos rostos ocultos
de tantas figuras pálidas!
Por longas noites inúmeras,
em minha assombrada cara
houve grandes rios mudos
como os desenhos dos mapas.

Tinhas os pés sobre flores,
e as mãos presas, de tão puras.
Em vão, suspiros e fomes
cruzavam teus olhos múltiplos,
despedaçando-se anônimos,
diante da tua altitude.

Fui mudando minha angústia
numa força heróica de asa.
Para construir cada músculo,
houve universos de lágrimas.
Devo-te o modelo justo:
sonho, dor, vitória e graça.

No rio dos teus encantos,
banhei minhas amarguras.
Purifiquei meus enganos,
minhas paixões, minhas dúvidas.
Despi-me do meu desânimo —
fui como ninguém foi nunca.

Deusa dos olhos volúveis,
rosto de espelho tão frágil,
coração de tempo fundo,
— por dentro das tuas máscaras,
meus olhos, sérios e lúcidos,
viram a beleza amarga.

E esse foi o meu estudo

para o ofício de ter alma;
para entender os soluços,
depois que a vida se cala.
— Quando o que era muito é único
e, por ser único, é tácito.

A figura feminina da terra surge aqui em sua face mais maternal e dúbia: ao mesmo tempo em que representa o túmulo, é também berço. A imagem de ser amamentada pelos peitos de pedra da terra sintetiza também a capacidade de fornecer alimento para sustentar a vida que nasce da terra. A própria existência é vista como uma fusão com a terra, que se converte também, metonimicamente, em mar, rio, ruas, vegetação, vento. Esta fusão enfim proporciona a sabedoria, através do aprendizado de um modelo de existência: “Fui mudando minha angústia / numa força heróica de asa. / Para construir cada músculo, / houve universos de lágrimas. / Devo-te o modelo justo: / sonho, dor, vitória e graça.” E a poetisa conclui: “E esse foi o meu estudo / para o ofício de ter alma”, ou seja, a própria essência do ser que constitui a alma nasce também, em última instância, da terra, num processo de aprendizado em que o mais terreno faz surgir o mais etéreo.

Não é preciso muito esforço para ver nesta terra com que o sujeito poético dialoga um modelo do feminino, com sua face mais maternal e geradora de vida. Ao fundir-se a este princípio feminino, ao mamar nos peitos de pedra da terra, adquire-se alma e sabedoria, além de músculos e asas. É sem dúvida uma imagem extremamente positiva do feminino, que cria vida e constrói seres sábios e fortes.

Do livro *Vaga música*, seleciono “A dona contrariada”:

Ela estava ali sentada,
do lado que faz sol-posto,
com a cabeça curvada,
um véu de sombra no rosto.
Suas mãos indo e voltando
por sobre a tapeçaria
paravam de vez em quando:
e então, acabava o dia.

Seu vestido era de linho,
cor da lua nas areias.
Em seus lábios cor de vinho
dormia a voz das sereias.
Ela bordava, cantando.
E a sua canção dizia
a história que ia ficando
por sobre a tapeçaria.

Veio um pássaro da altura
e a sombra pousou no pano,
como no mar da ventura
a vela do desengano.
Ela parou de cantar,
desfez a sombra com a mão,
depois, seguiu a bordar

na tela a sua canção.

Vieram os ventos do oceano,
roubadores de navios,
e desmancharam-lhe o pano,
remexendo-lhe nos fios.
Ela pôs as mãos por cima,
tudo compôs outra vez:
a canção pousou na rima,
e o bordado assim se fez.

Vieram as nuvens turvá-la.
Recomeçou de cantar.
No timbre da sua fala
havia um rumor de mar.
O sol dormia no fundo:
fez-se a voz, ele acordou.
Subiu para o alto do mundo.
E ela, cantando, bordou.

A dona contrariada borda seu bordado, superando os obstáculos impostos pela natureza, aqui representada pelo pássaro, pelos ventos e pelas nuvens, que teimam em impedir que ela siga bordando sua tapeçaria. Pela sobreposição das imagens do bordado e da canção (“Ela bordava, cantando. E a sua canção dizia / a história que ia ficando / por sobre a tapeçaria.”) pode associar o trabalho de bordar ao próprio fazer poético. A figura da dona contrariada, assim, seria a da própria poetisa, que canta suas histórias mesmo diante dos obstáculos colocados à sua frente. Trata-se de uma imagem do feminino criador, que não se deixa derrotar diante das dificuldades e teimosamente segue bordando / cantando sua história. Não custa aqui lembrar as raízes etimológicas comuns das palavras texto e tecido e as figuras tradicionais da mulher que tece como forma de resistência (como Penélope) e da mulher que segue enredando com suas histórias, como é o caso de Sherazade. Cecília sobrepõe as duas, criando a dona contrariada, que segue bordando sua história, contra todos os impedimentos que o mundo apresenta. Não é difícil ver aqui, também, a dona contrariada como uma metáfora da condição da mulher, sempre às voltas com as dificuldades que lhe são impostas pela sociedade patriarcal.

O livro *Mar absoluto*, entre os quatro, é talvez o que mais possui poemas relacionados ao feminino. Dele, tomo inicialmente o “Retrato obscuro”:

Vêm-se passar seus dois pés,
serenos e certos.
Mas, como as pedras admiradas
e o pó jacente
e as mínimas vidas contritas,
sabe-se que há uma espécie de ninho em redor deles,
que lhes retira o peso, e governa,
governa seu destino e os demais.

Assim é ela.

Entre pássaros e flores,
é preciso procurar aprender suas mãos:
inclinam-se, giram, passam,
pertencem a outros enredos,
têm ofícios longe da terra.

Perguntam-me por ela.
Tão triste, responder!

Ela chega, toca-me, deixa-me.
Eu nem olho para ela.
Doce e amargo é pensá-la,
e estar à sua disposição, tacitamente.
Sou o degrau da escada e o fecho em que pousam seus dedos.
Às vezes, seu baço espelho,
e o campo onde um momento desliza seu véu.

Ela vai sempre na frente.
Sozinha. Com um silêncio de bússola e deusa.
Livre de encontros, paradas, limites,
anda leve como as borboletas
e segura como o sol no céu.
E é diante de suas mãos que se sente
esta miséria taciturna,
a obrigação do horizonte,
o curto espaço entre o nascimento e a morte.

Choro porque ela está por estar – assim perto e entre nós,
e comigo – sem mim.
Sua presença animando e enganando minha forma,
não me deixando ver até onde sou ela,
e desde onde a outra que a acompanha,
sabendo-a e sem a saber.

Vede a cor de seus olhos
como desmaia, desaparece, límpida e liberta,
por firmes ou oscilantes horizontes.
Sei, quando ela fala, que é diferente de todos,
e, mesmo quando se parece comigo, fico sem saber se sou eu.

E quando não diz nada, sofro, perguntando o que a detém,
por lugares que apenas sinto,
e não a posso ajudar a amar nem a sofrer,
porque nem sofre nem ama
e é pura, ausente e próxima.

Quem poderá dizer alguma coisa certa a seu respeito?
Ela mesma pararia, ouvindo-se descrever,
atônita.
Seu rosto inviolável é como o das estrelas,
quando os homens explicam:
“Aquela é Sírius... Aquela, Antares... Aquela...”

E como as estrelas
a levo e me leva – incomunicável,
suspensa na vida,
sem glória e sem melancolia.

Uma misteriosa figura feminina aqui é esboçada de modo pouco definidor de contornos físicos, mas bastante claro no que se refere à posição de superioridade da retratada sobre o eu-lírico que a retrata e confessa “estar à sua disposição, tacitamente”. Esse ser misterioso encontra-se em posição de liderança: “Ela vai sempre na frente. / Sozinha. Com um silêncio de bússola e deusa. / Livre de encontros, paradas, limites, anda leve como as borboletas / e segura como o sol no céu.”. Poderia ser a figura de uma deusa? Ou uma mulher de carne e osso porém com características que a distinguem das demais pessoas? Ou uma projeção do próprio sujeito poético que em muitos momentos aparece sobreposto a ela: “Sua presença animando e enganando minha forma, / não me deixando ver até onde sou ela, / e desde onde a outra que a acompanha, / sabendo-a e sem a saber.” Não há definições, o que se sabe é que esta figura é retratada com traços que a aproximam do divino e a distanciam dos humanos. Se ela pode ser lida como uma figuração do feminino, estaria aqui Cecília falando da força das mulheres?

Do *Retrato natural*, escolho a “Balada das dez bailarinas do cassino”:

Dez bailarinas deslizam
por um chão de espelho.
Têm corpos egípcios com placas douradas,
pálpebras azuis e dedos vermelhos.
Levantam véus brancos, de ingênuos aromas,
e dobram amarelos joelhos.

Andam as dez bailarinas
sem voz, em redor das mesas.
Há mãos sobre facas, dentes sobre flores
e com os charutos toldam as luzes acesas.
Entre a música e a dança escorre
uma sedosa escada de vileza.

As dez bailarinas avançam
como gafanhotos perdidos.
Avançam, recuam, na sala compacta,
empurrando olhares e arranhando o ruído.
Tão nuas se sentem que já vão cobertas
de imaginários, chorosos vestidos.

A dez bailarinas escondem
nos cílios verdes as pupilas.
Em seus quadris fosforescentes,
passa uma faixa de morte tranqüila.
Como quem leva para a terra um filho morto,
levam seu próprio corpo, que baila e cintila.

Os homens gordos olham com um tédio enorme
as dez bailarinas tão frias.

Pobres serpentes sem luxúria,
que são crianças, durante o dia.
Dez anjos anêmicos, de axilas profundas,
embalsamados de melancolia.

Vão perpassando como dez múmias,
as bailarinas fatigadas.
Ramo de nardos inclinando flores
azuis, brancas, verdes, douradas.
Dez mães chorariam, se vissem
as bailarinas de mãos dadas.

Este é mais um poema que escapa à visão cristalizada que a maior parte da crítica tem da poesia de Cecília Meireles. Aqui certamente não está a poetisa ausente do mundo, espiritualizada, etérea, puro espírito. A descrição das dez bailarinas do cassino é física e dá conta de expor seus corpos frágeis, mais frágeis ainda se comparados aos dos “homens gordos” que “olham com um tédio enorme / as dez bailarinas tão frias”. O tom é ácido, com um ponto de vista claramente favorável às bailarinas e de crítica a quem as submete àquela condição. Essa dualidade pode ser claramente observada na segunda estrofe: “Andam as dez bailarinas / sem voz, em redor das mesas. / Há mãos sobre facas, dentes sobre flores / e com os charutos toldam as luzes acesas. / Entre a música e a dança escorre / uma sedosa escada de vileza.” Opondo-se à figura frágil das bailarinas sem voz em redor das mesas, há referências a facas, dentes e charutos, com a contundente referência à “vileza” que escorre enquanto as bailarinas dançam. Trata-se, em primeiro lugar, como se pode perfeitamente notar, de um poema descritivo, que discorre sobre os corpos das bailarinas e dos espectadores. Não se trata, portanto, de um poema feito de coisas etéreas, como quer grande parte da crítica cecilianiana. Por outro lado, o olhar é francamente de piedade para com as dançarinas exploradas e de crítica contundente aos homens que as observam dançar, numa postura clara de defesa das mulheres exploradas pelo olhar masculino.

Para concluir, tomo o exemplar poema “Evelyn”, mais uma vez de *Mar absoluto*:

Não te acabarás, Evelyn.

As rochas que te viram são negras, entre espumas finas;
sobre elas giram lisas gaiivotas delicadas,
e ao longe as águas verdes revolvem seus jardins de vidro.

Não te acabarás, Evelyn.

Guardei o vento que tocava
a harpa dos teus cabelos verticais,
e teus olhos estão aqui, e são conchas brancas,
docemente fechados, como se vê nas estátuas.

Guardei teu lábio de coral róseo
e teus dedos de coral branco.
E estás para sempre, como naquele dia,
comendo, vagarosa, fibras elásticas de crustáceos,
mirando a tarde e o silêncio
e a espuma que te orvalhava os pés.

Não te acabarás, Evelyn.

Eu te farei aparecer entre as escarpas,
sereia serena,
e os que te viram procurarão por ti
que eras tão bela e nem falaste.

Evelyn! – disseram-me,
apontando-te entre as barcas.
E eras igual a meu destino:

Evelyn – entre a água e o céu.
Evelyn – entre a água e a terra.
Evelyn – sozinha –
entre os homens e Deus.

A imagem do corpo da mulher que se confunde com o mar é talvez a metáfora mais representativa de toda a poesia de Cecília. Evelyn funde-se com a natureza e, sobretudo, com o mar, com seus olhos como “conchas brancas”, “lábio de coral róseo” e “dedos de coral branco”, comendo “fibras elásticas de crustáceos” e tendo os pés banhados pela espuma do mar. Não em vão, num de seus versos finais, diz o poema: “Eu te farei aparecer entre as escarpas, / sereia serena”. A imagem da mulher sereia é também uma feliz metáfora dessa integração corpo feminino / universo, tão presente e tão ignorada em toda a obra de Cecília Meireles: basta lembrar os muitos poemas que mencionam a figura da mulher afogada, fundindo sua carne ao feminino elemento que é o mar.

Ao lembrarmos que o nome Evelyn é derivado de Eva, o poema reveste-se de um significado ainda maior, sendo possível tomar a figura de Evelyn-Eva como uma representação condensada de todas as mulheres.

Enfim, creio ter demonstrado, a partir destes cinco exemplos – entre tantos poemas semelhantes que nessas quatro obras se encontram – a presença de uma constante representação de figuras femininas na poesia de Cecília Meireles, aquela a quem grande parte da crítica considera como autora de uma poesia sem marcas do feminino. Trata-se de um evidente juízo equivocado, porque reduz a poesia de Cecília a alguns elementos de fato presentes em sua obra, porém não de modo exclusivo, deixando de ver outros aspectos igualmente presentes em seus textos. Assim espero ter contribuído mais uma vez para uma leitura menos pré-concebida da poesia de Cecília Meireles, na esperança de que sua obra possa merecer outros olhares por parte de seus leitores, homens ou mulheres. Passados já mais de quarenta anos da morte da poetisa, é já mais que urgente que sua obra seja lida de modo mais completo, atentando para a multiplicidade de sentidos possíveis de seus versos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.